

BILA SORJ E MIRIAN GOLDENBERG

Entrevistam

Hilary Wainright

1. ROWBOTHAM, Sheila, SEGALL, Lynne & WAINWRIGHT, Hilary. *Além dos fragmentos: o feminismo e a construção do Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Hilary Wainright é pesquisadora associada ao International Centre for Labour Studies da Universidade de Manchester. Nasceu na cidade industrial de Leeds, na Grã-Bretanha, em 1949. Formada em Filosofia, Política e Economia na Universidade de Oxford, desde cedo tem sido uma ativista destacada do movimento de mulheres. É co-autora com Sheila Rowbotham e Lynne Segal do livro *Além dos fragmentos*¹ um dos trabalhos mais influentes do pensamento feminista e da política de esquerda da década de 80. Só para lembrar as feministas mais antigas e informar as mais novas, neste livro as três autoras fazem uma crítica dos partidos tradicionais de esquerda inspiradas nas práticas de organização mais verticais, como as dos movimentos feministas, com sua recorrente insistência na descentralização das decisões e na participação mais democrática e intensa das bases. O livro expressou o sentimento de desconforto que muitas mulheres militantes sentiam com a burocratização e discriminação sexista no interior dos partidos de esquerda então existentes. *Além dos fragmentos* foi utilizado tanto por aquelas feministas que reivindicavam a igualdade entre homens e mulheres no interior das organizações de esquerda como por aquelas que defendiam a autonomia do movimento feminista frente aos partidos políticos. Atualmente é editora da revista *Redpepper*, uma publicação mensal independente e de esquerda, que reúne intelectuais de renome discutindo política, economia, ecologia, cultura e sociedade.

Hilary já esteve no Brasil quatro vezes estudando formas de organização e participação popular que servem de referência para suas reflexões sobre a emergência de uma alternativa de esquerda diante da hegemonia do pensamento neoliberal. Seu último livro, *Uma Resposta ao Neoliberalismo: argumentos para uma nova esquerda*, foi publicado no Brasil pela Jorge Zahar Editor, em 1998. Hilary veio ao Brasil em março de 2000, dando continuidade às suas pesquisas e realizando seminários no âmbito do convênio que o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) mantém com o International Centre for Labour Studies da Universidade de Manchester, Grã-Bretanha.

Fale de sua biografia e de como você chegou ao feminismo.

Hilary: Eu vim de uma família de pensamento político liberal, radical. Desde muito cedo, estive ligada à política acompanhando o meu pai nas suas campanhas para ser um representante no parlamento. Nestas ocasiões, costumava pegar o alto-falante e gritar palavras de ordem na rua. Assim, tornei-me uma jovem liberal. Aos poucos aprendi os limites do liberalismo — as contradições entre seu discurso sobre a igualdade e realização individual e a sua recusa em enfrentar as enormes desigualdades de poder. Como grande parte dos liberais radicais, desde os tempos de John Stuart Mill, me tornei uma socialista. Isto aconteceu na época em que o anarco-sindicalismo estava em evidência, por volta de 1967, 1968. Neste momento, o movimento estudantil de 68 emergiu. Antes eu encarava as coisas com a visão de mundo do Partido Comunista e confiava neste tipo de organização, e também no Partido Trabalhista, para fazer as grandes transformações da sociedade. Entretanto, logo que a “nova esquerda” surgiu, através do movimento estudantil, esta me pareceu muito mais interessante, pois representava um tipo de socialismo mais liberal e libertário, baseado no poder popular e nas idéias democráticas. Às vezes até muito utópico. Na verdade, tornei-me socialista em 1968.

Em relação ao feminismo, acho que sempre fui uma feminista, porque sempre acreditei nos direitos da mulher. Quando eu era criança queria ser um menino, mas como isso era logicamente impossível me tornei uma menina que queria lutar pelos seus direitos. Fui influenciada pelas grandes figuras e idéias dos primórdios do feminismo no Reino Unido, pelas idéias das sufragistas e por mulheres como Florence Nightingale. Quando estava estudando em Oxford, indo de bicicleta para a primeira Conferência de Libertação das Mulheres, perguntei para mim mesma o significado desta reunião. Eu sentia que o trabalho doméstico de dona-de-casa e o casamento não me agradavam, apesar de ter me casado. Percebi que as minhas questões pessoais eram comuns a milhares de mulheres. Como uma pessoa de esquerda, entendi que o feminismo era uma causa política pela qual valia a pena lutar. Levou algum tempo para que eu percebesse que toda luta em que participava junto à classe trabalhadora era, na verdade, por mim mesma, que o feminismo tinha um sentido pessoal. Até aquele momento, sentia-me emancipada de diversas maneiras, exceto na minha relação com os homens: eu os desejava mas me colocava em uma posição passiva e de subordinação. Assim fiquei, mais ainda, interessada no feminismo, algo que transformava a minha própria subjetividade. Neste período li e fiquei muito impressionada com o livro de Juliet Mitchell

sobre feminismo e psicanálise, que me levou ao feminismo em um sentido muito mais profundo, que combina o lado subjetivo com um direcionamento político e estratégico.

Fale um pouco de seus primeiros livros.

Hilary: Escrevi meus primeiros dois livros com outras pessoas porque sempre gostei de trabalhar de forma coletiva. *Beyond the Fragments* foi escrito com Sheila Rowbotham e Lynne Segal e *The Worker's Report on Vickers*, com Huw Beynon, sobre representantes trabalhistas em uma multinacional de grande porte. *Beyond the Fragments* surgiu do sentimento de que os *insights* do feminismo eram muito importantes para se repensar a esquerda. No livro sobre representantes trabalhistas eu procurava novas formas de organização sindical que, por sua vez, tinham muito a aprender com o feminismo. As duas preocupações, o movimento de trabalhadores e o feminismo, estavam na minha cabeça como novas formas de reconstruir a esquerda. Isso me levou a escrever, com Dave Elliot, um outro livro, *The Lucas Plan: a new trade unionism in the making?*, sobre os representantes trabalhistas que desenvolviam novas formas de organização e estratégias de reivindicação. Eles trabalhavam numa fábrica de armamentos e elaboraram um plano para converter as armas em instrumentos úteis, como veículos, equipamentos médicos e equipamentos ecológicos. Escrevi a história dessa luta utilizando entrevistas porque sempre acreditei que conversar com as pessoas é uma ótima metodologia de trabalho.

Nesta pesquisa quis analisar experiências particulares que pudessem ser generalizadas. Esta experiência com os trabalhadores de fábrica de armas me levou a ter uma posição que ultrapassava a luta sindical e postulava a necessidade de algum tipo de aliança entre um governo progressista e o movimento popular. Com a vitória da esquerda em Londres, no início dos anos 80, pude colocar minhas idéias em prática. Trabalhei no Greater London Council (GLC), em 1981, o Conselho Municipal de Londres, com Ken Livingstone. Colocamos em prática, com o Grupo de Políticas Econômicas, muitas de nossas idéias sobre planejamento democrático. Fundei a Unidade Popular de Planejamento, para a qual chamei Sheila Rowbotham para colaborar. Trabalhávamos com as comunidades e com os representantes dos trabalhadores, onde desenvolvemos vários projetos. Uma idéia semelhante à do Orçamento Participativo do Partido dos Trabalhadores (PT) aqui no Brasil, embora aqui esta prática esteja muito mais sofisticada. Depois dessa experiência, escrevi um livro sobre o Partido Trabalhista. Eu percebia que, na verdade, o Partido Trabalhista englobava dois partidos e, por isso, chamei o livro de *Labour: a Tale of Two Parties*. Também escrevi um livro

sobre a experiência de planejamento econômico do GLC, chamado *A Taste of Power: the politics of local economics*. Antes disso, escrevi um livro sobre organizações sindicais locais que foi um questionamento sobre o último governo do Partido Trabalhista. Entrevistamos sindicalistas e até ministros e ex-ministros para testemunhar sobre o que tinha saído errado e sobre o fato de não terem se concretizado suas propostas radicais.

Meu livro seguinte foi *Arguments for a New Left*, que tenta responder ao apelo dos ideólogos do mercado livre, como Frederick Hayek, que tiveram muita influência nas idéias de livre mercado entre os ativistas democráticos liberais no Leste europeu no início dos anos 90. Eu estava muito envolvida com os movimentos sociais na Europa Central e Oriental por volta de 1988 e 1989 quando o Muro caiu. Eu acreditava que esses movimentos poderiam criar uma nova esquerda que representasse a democratização do Estado e a socialização do mercado, juntando as experiências dos dois lados da "Cortina de Ferro". Mas tive uma enorme decepção quando fui à República Tcheca e descobri que os ícones destes movimentos eram Margaret Thatcher e Ronald Reagan e não qualquer figura da Nova Esquerda. Percebi que tinha que buscar uma resposta para isso e não esconder o que estava acontecendo. Era necessário criticar corretamente o mercado livre em termos filosóficos mas também práticos. Eu argumentava que a Nova Esquerda, influenciada pelos movimentos sociais, poderia responder melhor aos apelos das idéias do mercado livre do que a velha esquerda que acreditava no Estado e no partido como forças de mudança social. O mercado livre criticava o estado socialista argumentando que uma economia sustentada no planejamento de um só cérebro não poderia funcionar. Mas as idéias de livre mercado são muito individualistas. Meu argumento era o de que uma economia planejada por um só cérebro não funciona realmente, pois a resposta não é individualizar e sim socializar. De certa forma, o que os movimentos sociais dos últimos 20 anos vêm propondo deve ser escutado. Não são apenas protestos mas alternativas concretas, como aquelas apresentadas pelo movimento de mulheres ou de trabalhadores. São formas de organizar a expressão política através de um debate aberto, criando um novo ator político através da socialização do conhecimento prático, desenvolvendo estratégias baseadas em pontos de vista diversificados. Portanto, uma forma diferente de socialismo. Esta é a base do meu argumento neste livro, unir democracia e conhecimento — um tipo de democracia essencial em termos morais e práticos.

Vamos voltar para *Beyond the Fragments*. Como você vê o impacto deste livro no Brasil e no Reino Unido?

Hilary: Eu acho que no Reino Unido o livro apresentou alternativas para as pessoas da esquerda, que estavam criticando os antigos modelos leninistas e trotskistas de organização. Mas *Beyond the Fragments* não estava dizendo nada de original, estava reunindo pensamentos que já estavam no ar e que estavam direcionando as pessoas para formas não partidárias de organização. Ironicamente, sua influência foi obscurecida pela abertura que ocorria dentro do próprio Partido Trabalhista que estava aceitando melhor a participação de outros movimentos fora da esquerda trabalhista. De fato, uma abertura política nunca vista antes. Com isso, várias pessoas que estavam lendo *Beyond the Fragments* acabaram se juntando ao Partido Trabalhista que parecia realmente estar abrindo caminhos que sofreram, hoje, um retrocesso. Talvez as idéias de *Beyond the Fragments* ganhem força agora quando novamente há uma preocupação em construir uma alternativa de esquerda ao neoliberalismo, mas, obviamente, com pessoas diferentes e trabalhadas de forma diferente.

Não sei o suficiente sobre o Brasil, mas o contraste é interessante já que quando *Beyond the Fragments* foi traduzido suas idéias estavam próximas às do PT e, assim, ganharam maior ressonância. O movimento de mulheres não era tão forte no Brasil quanto na Grã-Bretanha e, talvez, o livro tenha ajudado este movimento de alguma forma. Provavelmente na Grã-Bretanha sua influência foi menor pelo fato do movimento de mulheres ser a favor de uma organização autônoma. Na Grã-Bretanha, muitas mulheres achavam que *Beyond the Fragments* era uma contribuição mais para se repensar a esquerda do que propriamente para fortalecer o movimento de mulheres. Eu não concordo com essa interpretação. No Brasil, acho que esta polêmica não se deu, visto que muitas feministas já faziam parte da esquerda, por causa da luta contra a ditadura. Assim, aqui no Brasil o livro foi pensado como um instrumento para reconstruir e repensar a esquerda.

Você acha que ainda é necessário um movimento específico de mulheres?

Hilary: A situação da mulher se modificou de diversas maneiras. Na Grã-Bretanha aumentou a desigualdade entre as mulheres, que reflete as desigualdades na sociedade. Há um hiato muito maior entre os muito ricos e os muito pobres. Aumentou a quantidade de pessoas muito pobres. Há mais mulheres em empregos de alto salário mas a realidade das trabalhadoras é muito mais insegura além da destruição radical dos serviços sociais que piorou a situação da massa

trabalhadora feminina. Muitas mulheres pobres, obviamente, não podem pagar por serviços sociais. Antes da destruição do Estado de Bem-Estar Social havia muito mais recursos para os desempregados e para os centros de atendimento à mulher, como por exemplo, a Cruz Vermelha.

O Estado, durante um período, sustentou projetos de auto-ajuda como os comitês de mulheres e os conselhos locais. O Estado financiou muitas atividades específicas para melhorar a condição de vida e de emprego das mulheres. Tudo isto agora está perdido. Havia mais espaço para as mulheres se organizarem e se engajarem na construção de coletivos de auto-ajuda e em campanhas políticas. Hoje, muitas destas organizações fecharam e a atmosfera geral é muito pior. As pessoas estão mais estressadas, pressionadas e isoladas, o que prejudica as ações coletivas e redes de solidariedade.

Então você está afirmando que o movimento de mulheres foi derrotado?

Hilary: Toda a esquerda sofreu sérias derrotas. O feminismo teve influência na política principal do Partido Trabalhista e depois perdeu espaço. Mas existem novos desenvolvimentos, como a greve dos mineiros, que envolveu muitas mulheres, oriundas das comunidades dos mineiros, em campanhas e lutas locais. O movimento de mulheres foi derrotado nas instituições mas não no seu espírito de luta. Não é necessariamente uma continuação do movimento de mulheres tal qual ele se deu nos anos 60 e 70, mas muitas mulheres estão muito ativas nos sindicatos e nas comunidades locais. Existe um movimento emergente de mulheres jovens que Sheila, Lynne e eu estamos estudando, participando de reuniões e realizando entrevistas — um tipo de ressurgimento dos primeiros movimentos de mulheres dos anos 20. Temos vários sinais positivos de que o feminismo está criando raízes e que várias mulheres estão lutando em novas formas de organização.

Então, o movimento de mulheres não é necessariamente como antes?

Hilary: Existem divisões. No momento inicial, houve uma unidade que, entretanto, não conseguiu eliminar as desigualdades. Agora o movimento tem que enfrentar a realidade da desigualdade política e econômica entre as mulheres. As mulheres, de fato, estão mais diversificadas, organizando-se em torno de comunidades que estão voltadas para problemas do cotidiano — moradia, creche — não com reivindicações específicas de mulheres, mas enfrentando problemas que têm a ver com o dia-a-dia. Elas têm que trabalhar junto com os homens procurando definir

uma agenda comum. O mesmo acontece no movimento sindical. As mulheres ativistas surgem em diferentes situações, não organizadas como feministas, mas influenciadas pelo feminismo. O feminismo, portanto, tem importância, pois influencia nos movimentos de mulheres que estão trabalhando nos sindicatos e também entre estudantes universitárias. Porém, a situação das mulheres é tão diversificada que elas procuram redes de conexão com outros movimentos, não se fechando em si mesmas. Também deve ser lembrado que há uma espécie de neutralização do feminismo no discurso oficial do Governo. O novo trabalhismo, que está no poder, tomou o feminismo apenas como um tipo de troféu, um símbolo de inovação.

Quais são as reivindicações mais importantes do movimento de mulheres hoje, na Grã-Bretanha?

Hilary: Eu acho que os assuntos mais importantes são aqueles relacionados à destruição do Estado de Bem-Estar Social, como por exemplo, a luta por creche e pela reconstrução da assistência à infância. Um tema importante, que tem sido objeto do movimento de mulheres estudantes, é o corte do financiamento público da educação. O desemprego também é um desafio significativo bem como estender os direitos trabalhistas integrais para aqueles que trabalham em tempo parcial e aos que trabalham em casa, geralmente mulheres. Outro desafio importante é o que envolve a violência contra a mulher. O governo tem que apoiar centros para as mulheres vítimas de violência e também mudar a legislação atual.

Existe na Inglaterra algum tipo de movimento com a idéia de reforçar comportamentos “politicamente corretos”?

Hilary: Não muito, não sei direito o porquê. Eu não simpatizo com este tipo de idéia, talvez pelo meu próprio viés. Eu acho que “politicamente correto” é como um selo que foi colocado pela Direita e não algo que escolhemos. Este selo reduz muito a flexibilidade e a criatividade de nossas reivindicações. Precisamos saber adotar posições adequadas para cada circunstância e não ter uma demanda dogmática ou uma linha correta aplicável a todos os contextos, independentemente da situação. O “politicamente correto” nos obriga a agir de acordo com o que a Direita supõe que devemos fazer em lugar de definirmos nossos próprios termos. Este movimento colocou demasiada ênfase no lado cultural, no comportamento e na linguagem, em vez de focalizar as formas de organização para enfrentar problemas reais. Parece-me ser um produto do isolamento e da derrota da esquerda, que nos limita a, repetitivamente, utilizar um *slogan* em lugar de sermos criativas e fazermos com que a realidade

mude. Que por termos sido rotuladas politicamente, agora fôssemos forçadas a defender este rótulo.

O que significa ser de esquerda hoje?

Hilary: Ser de esquerda hoje significa especificamente propor uma alternativa à ditadura do mercado global, seja desafiando diretamente as organizações do mercado global, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), seja dizendo não e propondo alternativas locais contra as medidas que as autoridades justificam como consequência da competição global. É afirmar que existem alternativas em todos os níveis. Este é o primeiro aspecto. As qualidades específicas da esquerda, como a justiça social e a democracia, não podem ser comprometidas pela existência do mercado global. O mercado global é uma construção humana e pode, portanto, ser humanamente desafiado. Não quero dizer que é uma tarefa fácil e acho que muito do que foi conquistado pela velha esquerda foi importante para impedir que o mercado global fosse mais forte ainda ou que todas as suas justificativas fossem aceitas.

O segundo desafio é dar legitimidade ao Estado que foi, pelo fracasso do comunismo, desacreditado. Qualquer nova esquerda terá que transformar o Estado numa força efetivamente democrática que capacite as pessoas a realmente exercerem o controle do Estado. É afirmar que existem estratégias de transformação do Estado, dos meios de controlar o mercado e de reconstruir os serviços públicos. Portanto, ser de esquerda significa duas coisas: dizer não ao mercado global e dizer sim, existe uma alternativa. Significa também várias outras questões: apoiar os direitos humanos, os direitos democráticos, ser contra as desigualdades sociais. O que significa, hoje, participar de inúmeras campanhas diferentes, a não ser que você tenha a sorte de morar no Brasil, onde existe um partido que engloba todas estas lutas.

Então, não significa, necessariamente, ser socialista?

Hilary: Não, não significa. Nossas idéias foram apenas fracamente disseminadas, e não podemos esperar que a massa de jovens saiba que existe uma outra idéia de esquerda, uma esquerda socialista. Esperamos que estes jovens venham ao que chamamos de socialismo por caminhos diferentes dos tradicionais. Acho que a idéia de socialismo é essencial mas não a palavra. Eu quero dizer que a idéia de socialismo deve prever que, no futuro, o poder econômico deva ser democratizado e socializado. Superar o poder do capital é essencial para a igualdade e para a democracia. Existem movimentos capazes de atingir este objetivo e que não se denominam necessariamente

socialistas. Podem se autodenominar coletivistas, ou usar sua própria linguagem.

Pode existir igualdade social em uma economia de mercado?

Hilary: Não, acho que igualdade requer uma economia que não seja domesticada pelo mercado. Estou falando da idéia de socialismo que, essencialmente, envolve a superação de uma economia dirigida pelo mercado — isso é, basicamente, ser de esquerda. Estou dizendo que as pessoas podem chegar a esta conclusão sem denominarem esta alternativa de socialismo. Não existe uma linguagem do socialismo democrático que esteja amplamente disseminada. No Brasil é diferente. O PT, um partido genuinamente socialista e democrático, funciona numa economia de mercado e estimula um debate público sobre as alternativas ao neoliberalismo. Mas isso não acontece na maior parte da Europa. Agora, por exemplo, as pessoas que estavam protestando em Seattle se autodenominam anti-capitalistas mas não socialistas apesar de serem claramente contra uma economia dominada pelo mercado capitalista. Acredito que é apenas uma questão de linguagem.

A maneira pela qual a economia de mercado capitalista vai ser substituída ainda não está clara. Os modelos tradicionais de transformação não funcionaram. Isso não significa que não haja uma alternativa, mas que esta precisa ser teorizada na medida em que está sendo construída. Eu já falei sobre a importância de relegitimizar o Estado. Não podemos criar uma alternativa para o mercado a não ser que fique claro a necessidade de um Estado democrático e uma esfera cívica democrática, tornando os mecanismos de democracia popular direta e de representação democrática instrumentos para se chegar ao socialismo. Ser de esquerda significa experimentar, explorar, mas com um senso de direção.

Qual a contribuição que o feminismo teria para a construção dessa Nova Esquerda?

Hilary: Acho que o movimento feminista em sua prática desenvolveu idéias democráticas de controle dos recursos do Estado, influenciando, por exemplo, as práticas de muitos centros de mulheres, de creches e, inclusive, da Cruz Vermelha na Europa. O movimento de mulheres apresentou alternativas positivas em termos de um Estado democrático criando modelos de economia socializada, através de redes de solidariedade e formas cooperativas de ação. Também desenvolveu uma nova idéia de um Estado legitimado a partir das necessidades populares. Quando as organizações de mulheres passaram a dizer o que queriam em termos de

serviços de saúde ou de políticas econômicas, desafiaram o antigo Estado paternalista e insistiram em uma nova forma de administração e controle dos recursos públicos, que é crucial para a Nova Esquerda.

Existe alguma especificidade na participação de mulheres no poder e nos movimentos sociais?

Hilary: Eu não gosto de fazer generalizações porque há muitos homens se aproximando do poder de forma diferente. Mas acho que, como um todo, as mulheres, influenciadas pelo feminismo, não estão apenas reproduzindo as políticas masculinas. As mulheres têm uma visão mais crítica e distanciada dos recursos do poder existentes e estão mais confiantes na construção de novas formas de poder, utilizando-se destas para dissolver as velhas. Este é o problema: como usar o poder para dissolver as formas tradicionais de dominação. Às vezes, as mulheres ficam muito distantes e acabam deixando tudo para os homens. Acho que existe uma certa insegurança delas com relação ao exercício do poder, um território que sabem que, de certa forma, sempre foi seu inimigo e do qual sempre foram excluídas.

Você tem pesquisado as novas formas de organização e de poder popular. A posição das mulheres mudou nesses movimentos?

Hilary: A herança do feminismo é no sentido de que os novos movimentos não podem funcionar sem envolver mulheres mas estes, muitas vezes, precisam ainda ser lembrados disso. A emergência de movimentos novos, como o movimento Verde, por exemplo, não garante automaticamente a presença de mulheres. As mulheres ainda precisam lutar e se organizar para influenciar as agendas políticas. O Feminismo ainda não é parte da organização e nem do pensamento de todos os movimentos. O movimento do orçamento participativo que tenho analisado em Porto Alegre teve, no início, uma participação importante das mulheres. Mas muito em função do prefeito ter feito campanhas para incentivar esta participação. No Ocidente, em geral, os movimentos sindicais têm envolvido um número maior de mulheres, mas ainda não o suficiente.

Qual é a contribuição do movimento de mulheres e da esquerda brasileira para a construção desta Nova Esquerda que você tem estudado?

Hilary: Considero que a experiência do PT é única e se destaca. Posso resumir da seguinte forma: primeiro, nasceu no momento em que os antigos modelos de socialismo — o social-democrata, o cooperativista e o comunista stalinista

estavam sendo desacreditados. O PT se formou em 1979, a partir de um movimento militante de trabalhadores, influenciado por uma nova visão do socialismo, enquanto em outros países a negação dos velhos modelos envolveu a rejeição da própria idéia do socialismo. O PT surgiu de um movimento de trabalhadores que uniu um tipo de socialismo com algum tipo de política da classe trabalhadora. Mas, ao mesmo tempo, a natureza deste tipo de política de classe foi determinada pelo fato de que o PT emergiu nas lutas contra a ditadura, nas lutas pela democracia. A busca por um novo tipo de socialismo foi impulsionada pela luta pela democracia.

Além disso, o PT nasceu de movimentos populares para os quais não havia qualquer modelo disponível no mundo de um novo tipo de socialismo democrático. Existiam algumas experiências, como a da Nicarágua, mas muito incipientes. O PT teve que contar com recursos próprios, que o próprio movimento produziu. Teve que se basear nos movimentos populares, olhar para dentro destes movimentos, para encontrar uma alternativa tanto para o neoliberalismo quanto para as antigas formas de socialismo. Isto faz com que o PT esteja mais avançado do que muitos partidos que encontramos na Europa, na América do Norte ou em qualquer outro lugar. Veio tardiamente e, por isso, pôde saltar por cima dos velhos modelos. Não quero ser romântica. Sei que, na realidade, o PT enfrenta vários problemas e dificuldades, mas existe um potencial nas particularidades da experiência brasileira. O PT merece atenção de toda a esquerda do resto do mundo, sem, no entanto, pensar que é possível reproduzir o modelo brasileiro. É principalmente a prática e não a teoria do PT que é criativa.

Outra particularidade do Brasil é a presença de Fernando Henrique Cardoso como um exemplo clássico da social democracia se tornando uma variante do neoliberalismo. Fernando Henrique Cardoso é a principal expressão, nos países do Sul, do modelo da Terceira Via, introduzido por Tony Blair na Inglaterra. Isto torna o conflito entre o PT e Fernando Henrique Cardoso, em termos globais, muito interessante. Em termos de movimentos de mulheres no Brasil eu sei muito pouco. Acho que este movimento, no PT, está sendo um pouco marginalizado e rotinizado, perdendo a sua energia criativa. Eu suponho que o movimento de mulheres no Brasil, em geral, foi afetado pelas consequências do neoliberalismo — o desemprego crescente, o crescimento do setor informal etc. Eu não tenho certeza, acho que devo entrevistar vocês.

Conte-nos sobre o livro que você está preparando e seus novos projetos.

Hilary: Sou editora da revista *Redpepper* que, na ausência de um partido dos trabalhadores, serve como uma voz para a esquerda independente e radical na Grã-Bretanha. É um espaço para a esquerda pensar sobre a sua própria prática. Não é uma tarefa fácil porque não temos recursos e enfrentamos muitas dificuldades na distribuição. Mas, nos últimos cinco anos, a revista tem provocado um impacto no debate público e muitos procuram conhecer nossa opinião. É importante manter viva a voz da esquerda independente. Num momento em que as coisas estão se estreitando temos que apresentar alternativas à ideologia do mercado. *Redpepper* é eclética e tenta alcançar uma coerência, sem ser superficial e dogmática. Atualmente, publicamos de 8 a 10 mil cópias.

Também estou envolvida em algumas campanhas. Acho que na Grã-Bretanha o principal movimento hoje é o de apoio aos que procuram exílio. Nosso governo trata os refugiados da maneira mais brutal e autoritária. Eles chegam de todos os cantos — Europa Oriental, Turquia, Rússia, Irã. São todos tratados como criminosos. Além disso, estou escrevendo um livro chamado *Re-Inventing Democracy*. De alguma maneira é uma continuação de trabalhos do passado, baseado na crença de que a democracia está sendo re-inventada. É uma forma de dividir o poder entre a democracia formal e a nova democracia direta que os movimentos sociais produziram nos últimos 30 anos. Está na hora de colocarmos adiante uma visão positiva, não temos muito tempo. Se não fizermos nada, o neoliberalismo vai permanecer por um bom período e criar raízes. A alternativa tem que começar com uma clara estratégia de transformar o Estado, não apenas internamente mas construindo formas de poder democrático, tendo como base os avanços feitos pelos movimentos populares nos últimos 30 anos. O livro não é um exercício apenas teórico mas procura generalizar a partir da prática de diferentes movimentos populares, inclusive brasileiros, que estão fazendo isso: reinventando a democracia.

TRADUÇÃO
Francisco Pontes De Miranda Ferreira
Bila sorj
Mirian goldenberg